

amy winehouse  
**BACK TO BLACK**

recontado por  
**FERNANDA NASCIMENTO**

Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da **MOJO Books**, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

**Danilo Corci**  
organizador

Amy Winehouse  
**BACK TO BLACK**

recontado por

**FERNANDA NASCIMENTO**

---

ABRIL DE 2008  
VOLUME 61

**MOJO**  
BOOKS

---

amy winehouse  
**BACK TO BLACK**

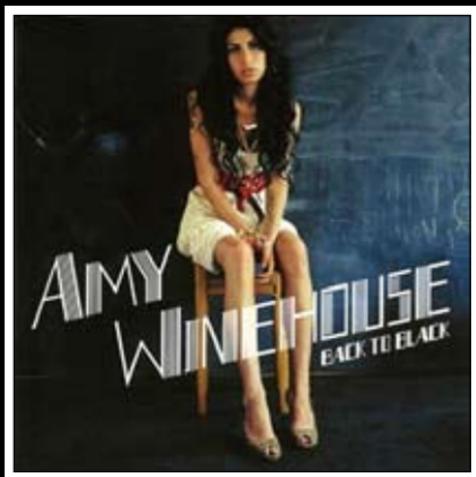
recontado por

**FERNANDA NASCIMENTO**

---

EDIÇÃO: **DANILO CORCI E RICARDO GIASSETTI**  
DIREÇÃO DE ARTE: **DELFIN**  
REVISÃO: **DANILO CORCI**  
CAPA DESTA EDIÇÃO: **DANILO SASSINI**

LICENÇA CREATIVE COMMONS 2.5 BRASIL



## PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM

1. Rehab
2. You Know I'm No Good
3. Me & Mr Jones
4. Just Friends
5. Back To Black
6. Love Is A Losing Game
7. Tears Dry On Their Own
8. Wake Up Alone
9. Some Unholy War
10. He Can Only Hold Her
11. Addicted

---

## BACK TO BLACK AMY WINEHOUSE

LANÇAMENTO: **2006**  
SELO: **ISLAND RECORDS**

---



**BACK TO BLACK**

## 01.

Estava tocando uma musica triste, não me lembro bem de quem era, só me lembro de que era uma mulher cantando sobre um amor perdido, quando olho pro lado e ele sorri pra mim. Virei e continuei prestando atenção na música, ele veio e me deu um copo de vinho, aceitei, mas não fui muito simpática, não estava com vontade de conversa, nem mentirinha, nem sexo casual — pelo menos não naquela noite — e deixei isso bem claro pra ele. Ele disse que estava tudo bem, que só queria conversar com alguém legal. Ele ficou lá comigo, sentado na mesma mesa, um de frente pro outro, e acabamos conversando a noite inteira. Foi ótimo! Eu quase não conseguia acreditar que por trás daquele par de olhos verdes brilhantes e aquele sorriso lindo também existia um cérebro recheado de coisas interessantes. Mesmo assim, consegui resistir à combinação “lindo + inteligente” e cumpri o que tinha dito: *“No sex tonight”*. Cada um foi para o seu lado e a vida seguiu.

## 02.

Voltei ao mesmo bar dias depois, adorava aquele lugar, tinha bebida boa e barata e sempre tocavam músicas decentes. O rapaz daquela noite estava lá — seu nome é Daniel —, e passamos mais uma noite falando de todos os livros, filmes, pessoas e da inutilidade das nossas vidas. Encontramo-nos várias vezes, por acaso, nesse bar, e nos tornamos amigos. Saíamos juntos e sempre era perfeito, a gente não transava, ele queria, eu também, mas eu resistia, tinha receio de que nossa amizade, depois do sexo, se tornasse uma coisa maior, um sentimento maior que tomasse conta de mim e me controlasse. Algo me dizia que eu me perderia nele. Intuição feminina, eu deveria tê-la ouvido e corrido pra muito longe, corrido antes de me perder, mas já era tarde. Eu e Daniel já nos conhecemos há algum tempo, o sexo acabou acontecendo e é sempre maravilhoso quando acordo com ele me beijando, ou com o gosto dele na minha boca, ou simplesmente quando estamos juntos e sorrimos um pro outro e ficamos em silêncio. Saímos com outras pessoas (ele sai, eu não, depois que o conheci as outras pessoas passaram a não me parecer mais tão atraentes...), ele diz que somos pessoas livres, que não nos prendemos a ninguém. OK. Isso é o que ele pensava, e eu pensava também, mas antes de conhecê-lo, porque depois dele muita coisa em mim mudou.

## 03.

“Enche meu copo de novo!” O atendente do bar já estava me olhando estranho e preocupado com o fato da garrafa de pinga ao meu lado estar quase vazia. Ele disse que era melhor eu “maneirar”, mas não tinha como eu fazer isso assistindo ao Daniel na mesa ao lado beijando uma garota. Quando cheguei ao bar, ele estava sentado com ela, me cumprimentou e me apresentou como “uma das melhores amigas dele”. Eu sempre soube que ele saía com várias garotas, mas sabe aquela frase “o que os olhos não vêem o coração não sente”? Pois é, meus olhos viram e meu coração sentiu. Sentiu demais. Toda vez que ele passava a mão no rosto dela era como se alguém estivesse me alfinetando, cortando pequenos pedaços de mim, me torturando. As mãos dele deveriam estar em mim naquele momento, e minha vontade era de ir até ele e levá-lo pra minha casa.

## 04.

Abro meus olhos e percebo que alguém está me tocando, não faço a mínima idéia de onde estou, provavelmente cai bêbada e algum filho da mãe escroto me carregou pra me foder. Um velho imundo, barrigudo e quase sem dentes me vira e começa a esfregar seu pau nojento na minha bunda e a entrar entre minhas pernas, tento tirar ele de cima de mim, mas não consigo e desisto — olho pra parede e tento me fixar em pensamentos que me levem pra longe dali, tento pensar em Daniel, e tento me convencer de que aquela barba que está roçando minha nuca e as mãos que apertam meus seios são dele. Impossível. O fedor de suor, sujeira e de pinga é tão forte e insuportável, revira meu estômago e não deixa minha imaginação funcionar, acho que foi melhor assim, ter a imagem do Daniel associada com aquele momento decadente não seria legal. Viro e vomito. O escroto se enjoa e me joga pra fora da cama. Saio daquele cortiço tonta e a luz do sol me cega. Rastejo suja, podre, e com o vazio de saber que o Daniel não me pertencia.

## 05.

Duas quadras antes de chegar em casa, encontro Daniel, que sorri e me pergunta se estou bêbada, eu não respondo, apenas passo a mão no rosto dele e lhe dou um beijo. Ele não retribui, me segura e diz que estou “chapada e sujinha demais” e que eu precisava deitar e dormir. Ele me coloca na cama e quando ameaça partir peço pra ele ficar, digo que não estou bem e que preciso de alguém ali comigo. Ele fica.

Acordo e a primeira visão que tenho é a de Daniel dormindo no sofá, primeiro tento imaginar sobre o que ele estava sonhando, e a agonia de saber que provavelmente eu não fazia parte dos seus sonhos me fez desviar a atenção desse pensamento, então passo um longo tempo só observando o corpo daquela pessoa que eu tanto queria e que habitava meus pensamentos ininterruptamente. A “vontade dele” era tanta que, sem pensar e perceber, caminhei em sua direção, o beijei, abri seu zíper, ele acordou e, ainda meio sonolento, entrou em mim. Eu sentia cada centímetro da pele dele, sua respiração, seus beijos, sua língua, o cheiro. Ele se vestiu, sorriu (como ele sempre fazia, se ele soubesse o que aquele sorriso me causava...) e disse:

— Você é maluca!

E foi embora.

Passamos alguns dias sem nos ver, e eu ia dormindo com vários caras pra tentar preencher a falta que o Daniel deixava, tentava achar beijos e carinhos semelhantes, ou alguma companhia agradável, mas não adiantava, nunca era o mesmo gosto, nem o mesmo cheiro. Não era ele.

## 06.

Quando a gente conversava e eu tentava dizer tudo que sentia por ele, Daniel ria e dizia que eu estava de brincadeira, que ele sempre achou e achava que era apenas “um pênis” ou “uma trepada de fim de balada” pra mim. Ele falava que eu não sou mulher que se apaixona, que ele precisava de uma garota sã e doce que acalmasse a mente dele e não de uma maluca que causaria problemas com toda sua insanidade — insanidade de mulher apaixonada... Eu tentava explicar que toda minha loucura provinha dele, da sua falta e que se ele ficasse comigo tudo se resolveria — o álcool e os homens —, era ele que eu procurava nisso tudo... Ele disse que juntos poderíamos nos machucar, mas pra mim não fazia diferença se eu me machucasse ou não, dane-se, nós poderíamos perder as pernas e os braços e todos os dentes da boca, estaria tudo bem, mas se eu não o tivesse, eu nada teria.

## 07.

Daniel tentou me convencer da idéia de que éramos amigos, amigos de verdade. Ele alegava que nossa relação era muito mais que sexo e que, mesmo eu sendo a maluca que sou, eu era muito importante pra ele. Ouvir isso sempre foi “um soco no estômago”, amizade era muito pouco perto do que eu realmente queria dele, mas eu também estava empenhada na tentativa de me livrar da paixão toda e aceitar ele como amigo, mesmo tendo recaídas quando estava perto dele... Eu não resistia e pedia pra ele ficar abraçado e dormir comigo de vez em quando, no momento era sempre bom, mas depois que ele se vestia e ia embora, o vazio que ficava era sempre maior, maior e maior a cada dia que passava.

## 08.

Depois de um tempo Daniel apareceu com a notícia de que ele estava “namorando sério”, que tinha achado a tal garota doce e perfeita que sempre procurou. Me deu a notícia com brilho nos olhos e disse que era pra eu ficar contente também, afinal, eu era amiga dele e deveria estar feliz com a sua felicidade. Sorri, meu coração doeu e senti falta de ar, falta de chão, falta de palavras e falta de vida: “Que bom! Cuide bem dela.”

Eu tentava não pensar no que ele tinha acabado de dizer. Fiquei nua, deitei e esperei por ele. A gente transou e ele me disse que aquela seria nossa última vez porque agora ele tinha “dona”. Ele me deu um beijo na testa e disse “Tchau, Amy.” Dentro de mim havia a vontade de gritar, chorar, morrer, matar. Mas não fiz nada disso. Fiquei paralisada na cama, sentindo o cheiro dele, o cheiro nosso, na cama onde o tive por tantas vezes e onde provavelmente não o teria mais.

## 09.

Fiquei dias na cama e não sentia nada. Uma amiga, Camila, apareceu e me convenceu a sair com ela, disse que eu não podia ficar esperando o Daniel porque ele não voltaria. Fui beber, beber até perder a consciência, era isso o que eu precisava, chapada e desmaiada eu pensaria menos em tudo e ficaria anestesiada por um tempo. Pra não correr o risco de acordar sendo fodida por um qualquer do bar, levava bebidas pra casa e lá ficava bêbada, minha rotina era beber e dormir, e quando acordava e percebia que a mão do Daniel não estava na minha cintura e que o gosto dele não estava na minha boca eu voltava a beber e estava resolvido. Essa rotina durou um longo tempo, até o dia em que acordei e o Daniel estava na minha casa. Ele estava mal porque tinha terminado com a “garota perfeita” e que precisava ficar ali comigo, e eu, ainda bêbada, o senti entrando, devagar, em mim. Eu sorria, sorria como uma boba, eu sentia tanta a falta dele e desejava que agora ele tivesse voltado pra ficar. Eu o mordida, sugava sua boca com tanta força que sangrava, chupava... E o gosto daquela porra nunca me pareceu tão doce.

## 10.

Acordei sozinha. Fiquei com raiva, raiva dele, de mim. Mais uma vez tentei não pensar em nada. Tomei banho pra tentar limpar o Daniel de mim, tentativa frustrada, a porra grudada nas minhas pernas saiu, mas não dava para limpar meu coração e minha mente com água e sabão. Coloquei uma roupa e saí. Primeira parada: o bar. Eu tinha de beber para criar coragem de colocar um ponto final na palhaçada toda, eu estava sofrendo e decidida a sofrer sozinha, sem o Daniel, eu não poderia mais continuar vivendo apenas com metade (menos que isso) dele, tendo-o só quando lhe era conveniente. Subi no apartamento dele e dei-lhe um tapa. Chorei e disse que estava apaixonada, mas que não deixaria ele fazer o que quisesse comigo da maneira que ele estava fazendo, e disse que nunca mais queria vê-lo, porque simplesmente iria doer. Voltei pro bar, e pro *rock* e pra todos os homens.

## 11.

Quando estou no bar, ouvindo músicas e com a cabeça flutuando, ainda penso em como poderíamos estar bem juntos, e em como éramos perfeitos. Quando vejo algum cara parecido com você, levo ele pra casa — nada é igual, o sexo não é tão bom, o gosto deles é amargo, e os olhos e o sorriso não têm o mesmo brilho que os seus.

## 12.

Camila entra no meu quarto enquanto um cara me fode desacordada, ela coloca o cara pra fora, me põe embaixo do chuveiro e me leva pro hospital. Todos dizem que tenho de me tratar e que minha saúde física e mental não está boa. Internam-me em uma clínica de reabilitação e fico lá apenas por uma semana, foi uma semana longa, fechada num quarto, sóbria, me sobrou tempo suficiente para pensar em tudo que estava acontecendo, e no Daniel. Às vezes eu achava que somente se eu estourasse os meus miolos ele sairia da minha mente, eu precisava de uma lobotomia... Urgente! Nem eu agüentava mais conviver com a imagem dele na minha cabeça, não agüentava e precisava tirar tudo dali rápido, eu tentava pensar em outras coisas, mas enquanto eu pensava no rumo da minha vida o rosto dele aparecia no meio dos meus pensamentos dando “tchauzinho”. Eu achava que a minha “doença”, não poderia ser tratada lá, aliás, que doença? Se realmente existia alguma doença, o nome dela era Daniel, o lance com a bebida era só uma escapatória, um antídoto pro meu mal, eu precisava beber ou dar um tiro nos miolos, e, talvez, a segunda opção, no meu caso, fosse a mais certa, mas não fiz isso ainda, quem sabe amanhã? E tem mais: beber pra sair de seus problemas é o que muita gente faz e nem por isso

é internado. Ainda bebo, e provavelmente nesse momento em que vocês estão acabando de ler este livro, eu estou num boteco, ou comendo gente, sendo comida, rastejando pelas ruas, dormindo, e esperando que tudo, a falta, a dor e o vazio, um dia, acabem.



**mojo**  
BOOKS

[www.mojobooks.com.br](http://www.mojobooks.com.br)